

SEGUNDO ENCONTRO

A PESSOA HUMANA COMO SER DE RELAÇÕES

O DOM DA AFETIVIDADE E DA SEXUALIDADE

TEMPO: Aproximadamente 1h30min.

OBJETIVO: Ajudar os catecúmenos e catequizandos a se perceberem como pessoas de relação, isto é, o ser humano não foi criado para viver em isolamento e solidão, mas para estabelecer vínculos com outras pessoas e gerar comunhão. A medida que a pessoa se percebe em relação com as outras pessoas, também se abre para o dom da afetividade e da sexualidade enquanto expressão e capacidade para a doação de si mesmo.

CENÁRIO: Cruz, vela, ambão para a Sagrada Escritura e dispor as cadeiras em círculo.

ACOLHIDA

CANTO

QUANDO ENTRE NÓS ESTÁS
(Gen Rosso – Focolares)

Quando entre nós estás
Tudo em torno se transforma
Mesmo se o inverno vem,
Resplandece sempre o Sol

Tudo parece ouro
A névoa se dilui
E como no Tabor
Tudo se transfigura

Quando entre nós estás
Tudo é sabedoria
Nos transfigura em Ti
Novos todos nos sentimos

Como discípulos
Plenos de paraíso
Celeste música
E ficar nós queremos

Sempre contigo, e em Ti entre nós

O catequista acolhe cada um dos catecúmenos e catequizandos e, juntos, recordam o tema do encontro anterior, "Quem sou?", assim como, o gesto concreto que foi proposto, trazer a foto de um momento significativo de sua vida e partilhar com os demais.

ORAÇÃO INICIAL

Sinal da cruz e oração ao Espírito Santo.

LEITURA ORANTE: Mt 20,20-28.

O catequista conduz o momento de oração com a Palavra.

ORAÇÃO:

O catequista e os catequizandos/catecúmenos podem concluir o momento de Oração com a Palavra com uma oração ou preces espontâneas.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

1. TEXTOS BÍBLICOS: Jo 17,21-23; 1Cor 6,19-20. 12,24b-27.

O catequista anuncia que Deus é relação, ou seja, o Pai ama o Filho, o Filho ao Pai, e ambos estão unidos no Espírito Santo. Assim, uma vez que somos imagem e semelhança de Deus, também somos pessoas de relação, chamados a estabelecer vínculos com as outras pessoas, a começar com a nossa família, parentes, amigos, comunidade e, principalmente, com Deus, por meio de Jesus Cristo.

A medida que vamos estabelecendo relações com as outras pessoas, tomamos consciência de quem somos e abrimo-nos ao dom da afetividade e sexualidade, enquanto expressão e capacidade para a doação de nós mesmos.

2. APRENDENDO COM A IGREJA

Para o desenvolvimento deste momento do encontro, o catequista terá como referência as seguintes indicações:

*** CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nn. 166-175. 1877-1889**.

*** TEXTO: CHAMADOS AO VERDADEIRO AMOR, Anexo.**

PARTILHA

1. DINÂMICA:

A VELA E O BARBANTE

O objetivo da dinâmica é ajudar os catecúmenos e catequizandos tomarem consciência da aliança consigo mesmos, com os outros e com Deus. Será necessário preparar: uma Bíblia, barbante, velas para todos os integrantes e mais uma para ser colocada no centro do grupo.

Descrição:

- *Todos deverem estar na forma de um círculo, e no centro do círculo, numa mesa, coloca-se a Bíblia, junto com uma vela acesa.*

- *A Bíblia deve estar amarrada com o barbante, e este, deve ter sobra suficiente para amarrar as velas de todos.*
- *Cada pessoa, com uma vela vai ao centro do círculo, passa o barbante em volta de sua vela, acendendo-a, e em seguida, entrega à ponta do barbante para outra pessoa, que circulará sua vela, também a acendendo, e assim sucessivamente.*
- *Quando todos estiverem enlaçados pelo barbante, lê-se a passagem do Evangelho de João, capítulo 8, versículo 12 – "Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andará nas trevas, mas possuirá a luz da vida".*

2. DIÁLOGO:

A partir da dinâmica, todos partilham o sentido da dinâmica, tentando relacioná-la com o texto bíblico proposto, assim como, o significado do encontro de hoje para cada um.

GESTO CONCRETO

Convidar os catecúmenos e catequizandos a pensarem no modo como têm se relacionado com os membros da sua família, amigos, colegas de trabalho ou faculdade e, particularmente, como têm se relacionado com Deus. O intuito é ajuda-los a perceberem os relacionamentos que precisam dar mais valor, situações que precisam de reconciliação e momentos que precisam ser ressignificados. No próximo encontro, todos partilham as impressões adquiridas ao longo da semana.

ORAÇÃO FINAL

De pé, em círculo, de mãos dadas, peça que os catequizandos e catecúmenos falem um versículo da Bíblia que gostam ou que aprenderam hoje. A seguir, rezar juntos a oração:

Meu Senhor, eu creio, sei e sinto que Vós sois o Bem Supremo. Eu acredito que, por mais bela que seja a Vossa criação, não é de nenhuma importância, comparada a Vós. E, portanto, já que eu percebo Vossa santa beleza, eu vos amo e desejo vos amar mais e mais. Meu Deus, vós sabeis o quão pouco eu vos amo. Eu não vos amaria, exceto por Vossa graça. Mantende todo o meu ser fixo em Vós. Não deixais que eu me perca de Vós, e que meu amor por Vós cresça mais e mais a cada dia. Amém.

(São John Henry Newman)

Pai-nosso... Ave-Maria... Glória ao Pai...

ANEXO

Conselho Pontifício para a Família
Sexualidade humana: verdade e significado
nn. 8-15

CHAMADOS AO VERDADEIRO AMOR

O ser humano, enquanto imagem de Deus, é criado para amar. Esta verdade foi-nos revelada plenamente no Novo Testamento, juntamente com o mistério da vida intratrinitária: "Deus é amor (1Jo 4, 8) e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem..., Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano". Todo o sentido da própria liberdade, do autodomínio consequente, é assim orientado ao dom de si na comunhão e na amizade com Deus e com os outros.

O amor humano como dom de si

A pessoa é, portanto, capaz de um tipo de amor superior: não o amor da concupiscência, que vê só objetos com que satisfazer os próprios apetites, mas o amor de amizade e oblatividade, capaz de reconhecer e amar as pessoas por si mesmas. É um amor capaz de generosidade, à semelhança do amor de Deus; quere-se bem ao outro porque se reconhece que é digno de ser amado. É um amor que gera a comunhão entre as pessoas, visto que cada um considera o bem do outro como próprio. É um dom de si feito àquele que se ama, no qual se descobre, se atua a própria bondade na comunhão de pessoas e se aprende o valor de ser amado e de amar.

Cada ser humano é chamado ao amor de amizade e de oblatividade; e é libertado da tendência ao egoísmo pelo amor de outros: em primeiro lugar pelos pais ou seus substitutos e, em definitivo, por Deus, de quem procede todo o amor verdadeiro e em cujo amor somente a pessoa humana descobre até que ponto é amada. Aqui se encontra a raiz da força educadora do cristianismo: "O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem". Foi assim que Cristo revelou ao ser humano a sua verdadeira identidade: "Cristo, que é o novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e do Seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e descobre-lhe a sua altíssima vocação".

O amor revelado por Cristo "aquele amor, ao qual o apóstolo Paulo dedicou um hino na Primeira Carta aos Coríntios... é, sem dúvida, um amor exigente. Mas nisto mesmo está a sua beleza: no facto de ser exigente, porque deste modo constrói o verdadeiro bem do homem e irradia-o também sobre os outros". Por isso é um amor que respeita a pessoa e a edifica porque "o amor é verdadeiro quando cria o bem das pessoas e das comunidades, cria-o e dá-o aos outros".

O amor e a sexualidade humana

O ser humano é chamado ao amor e ao dom de si na sua unidade corpórea-espiritual. Feminilidade e masculinidade são dons complementares, pelo que a sexualidade humana é parte integrante da capacidade concreta de amor que Deus inscreveu no homem e na mulher. "A

sexualidade é uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano". Esta capacidade de amor como dom de si tem, por isso, uma sua "encarnação" no carácter esponsal do corpo, no qual se inscreve a masculinidade e a feminilidade da pessoa. "O corpo humano, com o seu sexo, e a sua masculinidade e feminilidade, visto no próprio mistério da criação, não é somente fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural, mas encerra desde 'o princípio' o atributo 'esponsal, isto é, a capacidade de exprimir o amor precisamente pelo qual o homem-pessoa se torna dom e — mediante este dom — atuar o próprio sentido do seu ser e existir". Qualquer forma de amor será sempre marcada por esta caracterização masculina e feminina.

A sexualidade humana é, portanto, um Bem: parte daquele dom criado que Deus viu ser "muito bom" quando criou a pessoa humana à sua imagem e semelhança e "homem e mulher os criou" (Gn 1, 27). Enquanto modalidade de se relacionar e se abrir aos outros, a sexualidade tem como fim intrínseco o amor, mais precisamente o amor como doação e acolhimento, como dar e receber. A relação entre um homem e uma mulher é uma relação de amor: "A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo amor, que é o único a torná-la verdadeiramente humana". Quando tal amor se realiza no matrimónio, o dom de si exprime, por intermédio do corpo, a complementaridade e a totalidade do dom; o amor conjugal torna-se, então, força que enriquece e faz crescer as pessoas e, ao mesmo tempo, contribui para alimentar a civilização do amor; quando pelo contrário falta o sentido e o significado do dom na sexualidade, acontece "uma civilização das 'coisas' e não das 'pessoas'; uma civilização onde as pessoas se usam como se usam as coisas. No contexto da civilização do desfrutamento, a mulher pode tornar-se para o homem um objeto, os filhos um obstáculo para os pais".

Ao centro da consciência cristã dos pais e dos filhos coloca-se esta grande verdade e este facto fundamental: o dom de Deus. Trata-se do dom que Deus fez chamando-nos à vida e a existir como homem ou mulher numa existência irrepetível e carregada de inexauríveis possibilidades de desenvolvimento espiritual e moral: "A vida humana é um dom recebido a fim de, por sua vez, ser dado". "O dom revela, por assim dizer, uma característica particular da existência pessoal, ou antes, da própria essência da pessoa. Quando Deus (Javé) diz que 'não é bom que o homem esteja só' (Gn 2, 18), afirma que 'sozinho' o homem não realiza totalmente esta essência. Realiza-a somente existindo 'com alguém' — e ainda mais profundamente e mais completamente: existindo 'para alguém'". É na abertura ao outro e no dom de si que se realiza o amor conjugal sob a forma de doação total que é própria deste estado. E é sempre no dom de si, apoiado por uma graça especial, que toma significado a vocação à vida consagrada, "forma eminente de se entregar mais facilmente a Deus só, com um coração indiviso" para o servir mais plenamente na Igreja. Em todas as condições e estados de vida, todavia, este dom torna-se ainda mais admirável pela graça redentora, pela qual nos tornamos "participantes da natureza divina" (2Pd 1, 4) e somos chamados a viver juntos a comunhão sobrenatural de caridade com Deus e com os irmãos. Os pais cristãos, até nas situações mais delicadas, não podem esquecer que, como fundamento de toda a história pessoal e doméstica, está o dom de Deus.

"Enquanto espírito encarnado, isto é, alma que se exprime no corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor nesta sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual". À luz da Revelação cristã lê-se o significado inter-pessoal da própria sexualidade: "A sexualidade caracteriza o homem e a mulher não somente no plano físico, como também no psicológico e espiritual,

marcando toda a sua expressão. Esta diversidade, que tem como fim a complementaridade dos dois sexos, permite responder plenamente ao desígnio de Deus conforme a vocação à qual cada um é chamado".

O amor conjugal

Quando o amor é vivido no matrimónio, ele compreende e ultrapassa a amizade e realiza-se entre um homem e uma mulher que se dão na totalidade, respectivamente segundo a própria masculinidade e feminilidade, fundando com o pacto conjugal aquela comunhão de pessoas na qual Deus quis que fosse concebida, nascesse e se desenvolvesse a vida humana. A este amor conjugal, e somente a este, pertence a doação sexual, que se "realiza de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte". O Catecismo da Igreja Católica recorda: "No matrimônio a intimidade corporal dos esposos torna-se sinal e penhor de comunhão espiritual. Entre os batizados, os laços do matrimónio são santificados pelo sacramento".

O amor aberto à vida

Sinal revelador da autenticidade do amor conjugal é a abertura à vida: "Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao 'conhecimento' recíproco..., não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe". É a partir desta comunhão de amor e de vida que os cônjuges atingem aquela riqueza humana e espiritual e aquele clima positivo que lhes permite oferecer aos filhos o apoio da educação para o amor e a castidade.